



Universidade
Federal
Fluminense

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LUIZ PAULO DOS SANTOS MONTEIRO

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO DE PÓS-DOCTORADO

**(SEM BOLSA - OBTEVE LICENÇA REMUNERADA PARA ESTUDOS DO
COLÉGIO PEDRO II, INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE NA PESQUISA.)**

**PROJETO: AS LINGUAGENS DA TERNURA E DA PAIXÃO COMO
COMPONENTES DO ESPAÇO ESCOLAR: O PROFESSOR PARA ALÉM DA
FUNÇÃO NORMATIVA.**

**LINHA DE PESQUISA: DIVERSIDADE, DESIGUALDADES SOCIAIS E
EDUCAÇÃO (DDSE)**

PERÍODO: 01/12/2023 a 30/11/2024

SUPERVISORA: PROF.^a DR.^a MARÍLIA ETIENNE ARREGUY

NITERÓI

2024

LUIZ PAULO DOS SANTOS MONTEIRO

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO DE PÓS-DOCTORADO

PROJETO: AS LINGUAGENS DA TERNURA E DA PAIXÃO COMO COMPONENTES DO ESPAÇO ESCOLAR: O PROFESSOR PARA ALÉM DA FUNÇÃO NORMATIVA.

Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Diversidade, Desigualdades Sociais e Educação (DDSE), realizado sem bolsa e com recursos do pós-doutorando, que obteve licença remunerada para estudos, concedida pelo Colégio Pedro II, instituição coparticipante na pesquisa.

Supervisora: Prof.^a Dra. Marília Etienne Arreguy

Niterói

2024

Sumário

Relatório de atividades	3
Referências	13
Produções bibliográficas	15
Anexos	18

Relatório sobre as atividades realizadas no estágio pós-doutoral

Período de 01/12/2023 a 30/11/2024

Os dez anos de atuação como professor de Francês do *campus* Realengo II, do Colégio Pedro II, onde trabalho desde minha posse, e a relação com meus estudantes fizeram com que eu atingisse um novo olhar acerca do espaço escolar e, conseqüentemente, sobre minha prática docente. A partir de então, passei a questionar a concepção de que a escola seria uma instituição socialmente protegida, descolada da realidade social em que está inserida, livre de todo tipo de conflito: um local onde corpos dóceis ingressariam para terem suas pulsões controladas e dali saíam, ainda mais docilizados, aptos a viverem em comunidade (Foucault, 1975/2022).

Esses questionamentos, aliados à leitura de autores do campo da psicanálise, levaram-me a procurar a Professora Doutora Marília Etienne Arreguy e a demonstrar meu interesse em aprimorar meus conhecimentos na interface psicanálise e educação. Com o aceite da Professora, que se tornaria, posteriormente, supervisora de meu estágio pós-doutoral, ingressei no GAP(E) - Grupo Alteridade Psicanálise e Educação, da Universidade Federal Fluminense/CNPQ, em abril de 2023, participando, desde então, das reuniões mensais do grupo coordenado pela docente. A participação nos debates teóricos, promovidos por seus integrantes, o acesso às leituras indicadas e as reflexões ali despertadas contribuíram para a escrita do projeto *As linguagens da ternura e da paixão como componentes do espaço escolar: o professor para além da função normativa*, que foi submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, em novembro de 2023.

Com base neste projeto, desenvolvemos um estudo clínico-político a respeito das práticas pedagógicas do corpo docente do *campus* Realengo II, do Colégio Pedro II, fundamentado em um trabalho de interlocução da psicanálise com o quadro sociopolítico da atualidade e com a filosofia contemporânea, ressaltando as noções de “linguagem da ternura” e de “linguagem da paixão”, do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1933/2011). O objetivo geral da pesquisa foi o de aprofundar os estudos em psicanálise, tendo por base os conceitos desenvolvidos por Ferenczi, em relação com aqueles concebidos por outros pensadores de interlocução com a psicanálise. No que concerne aos objetivos específicos da pesquisa, investigamos, em um primeiro momento, de que modo a “linguagem da ternura” e a “linguagem da paixão” integravam a prática docente, diante das exigências normativas que regulam o trabalho dos professores do CPII. Em seguida, pesquisamos em que medida o docente do

campus Realengo II, do CPII, conservava seu pensamento crítico e sua autonomia diante dos traumas produzidos no ambiente escolar.

A pertinência dessa pesquisa se fundamenta no fato de presenciarmos queixas recorrentes de professores do *campus* no tocante à falta de prazer no exercício da docência. Nesse contexto, decidimos ouvir parte desses professores, fornecendo-lhes um espaço para que pudessem expressar livremente o que sentem. Consideramos o professor como um agente que desperta afetos em suas relações com seus estudantes e, que sua função, na escola, não se resume nem à aplicação de normas disciplinares em sala de aula, nem tampouco à mera transmissão de conteúdos prescritos pelos programas das disciplinas escolares.

Além disso, entendemos que docentes e discentes estão submetidos a diretrizes normativas de conduta, previstas pelo sistema escolar. Este sistema, por sua vez, fomenta violências psicológicas desmentidas (Ferenczi, 1931/2011), dentro de um enquadramento social em que a “linguagem da ternura” e a “linguagem da paixão” são componentes do espaço escolar e convivem em um diálogo discrepante. Admitimos, assim, a presença de traumas sociais que integram o ambiente escolar e interagem com a postura de seus agentes.

Refletir sobre o papel do professor na escola, tendo por base os escritos de Ferenczi, nos credenciou a pensar o fazer docente em uma perspectiva distanciada do modelo de escola tradicional, uma vez que, nessa concepção, a escola é concebida como um lugar capaz de instituir um modo único de educar a todos (Arreguy & Montes, 2019). Essa forma de ensinar, em nosso entendimento, tende ao silenciamento das individualidades e prioriza uma noção de uniformidade, a qual se estabelece por meio de normas disciplinares, determinando a adequação dos indivíduos às regras do ambiente escolar. Questionamos se a estrutura da escola, alicerçada em parâmetros punitivos, tornaria-se um espaço limitador de potencialidades criadoras, tanto para o corpo docente, quanto para o corpo discente.

Concebemos a escola como um espaço de lutas simbólicas (Bourdieu, 1989) que norteiam a estrutura das relações escolares e de seus atores. Um ambiente, no interior do qual, o nível de cultura escolar contribuirá para a tomada da palavra ou para o silenciamento de um determinado grupo de estudantes, tendo como parâmetro o modo de comportamento previsto pela norma. E os encarregados da aplicação da norma também estarão imersos nessa dinâmica de lutas simbólicas, assim como, na tomada da palavra no cotidiano escolar. Na condução democrática das instituições de ensino federal, por exemplo, há disputas eleitorais entre profissionais pela direção de determinada instituição, cargo que se constitui como um espaço de poder nas ações de comando de um estabelecimento educacional.

Sándor Ferenczi, em *Psicanálise e pedagogia*¹, descreve a educação como um processo defeituoso, visto que ela ocorre em desacordo com as tendências naturais do ser humano, por mais que estejamos revestidos das melhores pretensões:

Mas a análise dos nossos pacientes leva-nos, queiramos ou não, a rever igualmente a nossa própria personalidade e suas origens; daí extraímos a convicção de que mesmo a educação guiada pelas mais nobres intenções e efetuada nas melhores condições – uma vez que esteja baseada nos princípios errôneos geralmente em vigor – influencia de forma nociva e de múltiplas maneiras o desenvolvimento natural” (1908/2011, v. 1, p.39).

Amparados na afirmação de Ferenczi, cabe indagarmos se o empenho da escola na imposição de um conteúdo desconectado da realidade do estudante e imerso em uma cultura de resultados não contribui para uma lógica de educação meramente eficiente², a qual não compreende o estudante como um ser em formação.

Segundo Freud, a cultura age impedindo a manifestação da agressividade por parte do indivíduo e, para o teórico, a *agressividade* é definida como uma disposição funcional: “(...) a tendência à agressividade é uma disposição pulsional original, autônoma do ser humano, (...) a cultura encontra nela o seu mais poderoso obstáculo” (Freud, 1930/2020, p.72). Indagamos se o discurso da escola, que refuta a presença do conflito no ambiente escolar, em prol de uma harmonia comportamental constante, não seria insuficiente, já que a educação prevê uma série de renúncias pulsionais daqueles que frequentam a escola, sobretudo dos estudantes, em um contexto em que ambos precisam se adequar, não sem razão, a um aglomerado de normas disciplinares, que tem por fim, a preservação da autoridade. (Freud, 1930/2020, p.79).

A proposta de articulação entre o pensar e o sentir do docente, no ambiente escolar, conduziu-nos aos conceitos de “linguagem da ternura” e de “linguagem da paixão”, que fundamentam teoricamente a pesquisa realizada. Interpretamos que essas duas linguagens fazem parte do processo educacional e são componentes do espaço escolar, já que, na relação entre professor e aluno, temos um entrelaçamento entre aquilo que é peculiar à criança e aos adolescentes, detentores da linguagem da ternura e aquilo que é próprio aos adultos, possuidores da linguagem da paixão. Sándor Ferenczi, destaca os aspectos da distinção entre as duas linguagens, em *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*, texto de setembro de 1932, quando de sua exposição no XII Congresso Internacional de Psicanálise, em Wiesbaden:

¹ Cf. FERENCZI, SÁNDOR. *Psicanálise e pedagogia*. In _____. *Obras Completas – Psicanálise I*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2011.

² Cf. SANTOS, L.S. D. *O ideal da excelência escolar e a subjetividade do estudante de classes populares em escolas de alto padrão educacional* (Tese de Doutorado). Niterói: Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2022.

Esta série de reflexões não fez mais do que abordar de que modo descritivo o que existe de terno no erotismo infantil e o que há de apaixonado no erotismo adulto; em suspenso ficou o problema da própria essência dessa diferença. A psicanálise pode sustentar o conceito cartesiano que faz das paixões o produto do sofrimento, mas talvez possa responder à questão de saber o que é que, na satisfação lúdica da ternura, introduz o elemento do sofrimento, portanto o sadomasoquismo. Essas contradições fazem-nos pressentir, entre outras coisas, que o sentimento de culpabilidade, no erotismo adulto, transforma “objeto de amor em objeto de ódio e de afeição, ou seja, em objeto ambivalente (1932/2011, v. 4, P.121).

Nesses termos, o teórico húngaro contrapõe elementos do erotismo infantil e do erotismo adulto. É a expressão do que é demasiado, por parte do adulto, que faz com que a criança se depare com aquilo que desconhece de modo surpreendente, traumatizando-a. Ferenczi afirma, ressaltando o ódio do adulto: “Esse ódio transforma um ser que brinca espontaneamente, e com toda inocência, num autômato, culpado do amor, e que, imitando ansiosamente o adulto, esquece-se por assim dizer de si mesmo” (1932/2011, v. 4, P.121).

O estudo dos conceitos de Ferenczi e as entrevistas com os professores apontaram para a necessidade de que o docente esteja consciente de que ele e seus estudantes dispõem de linguagens distintas no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. Ademais, inferimos que o educador precisa, do mesma forma, compreender que tanto o corpo pedagógico como o corpo discente se relacionam imersos em uma confusão de línguas, a qual não exclui o traumático (Osimo & Kupermann, 2012).

As professoras e psicanalistas Marília Etienne Arreguy e Fernanda Ferreira Montes, no artigo *Ferenczi e a educação: desconstruindo a violência desmentida* (2019), destacam o aspecto segregador e punitivo imposto pelo modelo de educação baseado na tradição. As especialistas alertam, ainda, para a dificuldade do docente em lidar com modos de comportamento distintos daqueles previstos pela cultura escolar:

No trabalho de formação de professores, seja na pedagogia, seja nas licenciaturas, vemos constantemente, há quase duas décadas, o despreparo tanto dos estudantes, futuros docentes, quanto de professores, na ativa, em lidar com certas turmas, em especial, quando nelas existem crianças ou jovens difíceis. Esses sujeitos irreverentes são vistos como quem vem a transtornar a ordem disciplinar prevista na educação tradicional. É fato que a transformação da mentalidade do mundo adulto pouco mudou, e os meios educacionais, em geral, ainda portam a sombra de um excessivo conservadorismo. (2019, p.249.)

Ponderamos se as normas escolares se impõem ao estudante, em diálogo com um conjunto de normas sociais que compreendem aspectos raciais, de gênero, de classe e de sexualidade, aos quais professores e estudantes estão submetidos, sem mesmo ter a exata percepção disso. Na perspectiva de nosso estudo, acolhemos também o sentido de

normatividade na escola enquanto modo de sobrevivência em um ambiente depreendido como hostil por quaisquer de seus integrantes (Gondar, 2022). Ao longo de nossas entrevistas, foi possível perceber que a maioria dos docentes fizeram referência à norma, apenas como um conjunto de regramentos disciplinares e que, estes códigos, estariam associados somente à conduta dos discentes.

Tal postura dos colegas não me causou estranheza. Em determinado momento da pesquisa, foi necessário atentar para minhas críticas em relação às normas disciplinares. Meus julgamentos iniciais mostraram que a compreensão do conceito de norma aplicado na pesquisa, até então, precisava ser ampliado. O diálogo com a supervisora Marília Etienne foi fundamental para a compreensão de que as normas disciplinares desempenham também um papel positivo. As regras de disciplina atuam na manutenção do espaço escolar como um ambiente favorável à aprendizagem e contribuem, também, na tentativa de se encontrar um equilíbrio de forças, em meio às tensões vividas na escola, sobretudo, com o aumento da violência urbana.

Acreditamos que a implementação das regras disciplinares, na escola, devem ser precedidas de um debate entre os membros da comunidade escolar, de maneira que os discentes possam se reconhecer como parte integrante dessa construção, discernindo o espaço do outro, em um processo pautado no princípio de alteridade. Para melhor compreensão da função normativa do professor, foram primordiais as leituras do texto de MACHADO, R. *et al.*, *Danação da Norma - medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil* (1978) e do livro *Os anormais* (2001/2021), de Michel Foucault.

Os dois textos em questão contribuíram para que entendêssemos que a norma, na escola, envolve aspectos relativos à sexualidade dos estudantes e às medidas sanitárias pelas quais a psiquiatria viria a ser responsável, como afirma Foucault:

A psiquiatria não funciona – no início do século XIX e até tarde no século XIX, talvez até meados do século XIX – como uma especialização do saber ou da teoria médica, mas antes como um ramo especializado da higiene pública. Antes de ser uma especialidade da medicina, a psiquiatria se institucionalizou como domínio particular da proteção social, contra todos os perigos que o fato da doença, ou de tudo o que se possa assimilar direta ou indiretamente à doença, pode acarretar à sociedade. (2001/2021, p.100).

Nesse cenário, “os médicos formulam uma verdadeira teoria da cidade, (...) explicitando a exigência de realização de condições de vida ideais que a tornem um poderoso instrumento de normalização” (Machado *et al.*, 1978, p.139). Ainda de acordo com MACHADO *et al.*, as instituições passam a ser medicalizadas³ e a vigilância sobre os estudantes obedecem a um

³ Cf. MACHADO, R. *et al.* *Danação da Norma - medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de

rigoroso controle físico e moral. Assim sendo, a escola passou a “enfrentar duas desordens: a desobediência e a masturbação” (Machado *et al.*, 1978, p.139).

Dito isso, o modo de comportar-se na escola se estabelece em acordo com um parâmetro comparativo, no qual o indisciplinado deve não só ser corrigido, como também exposto diante de seus colegas. A punição precisava, assim, expor o discente transgressor como aquele que fracassou ao tentar burlar o sistema normativo⁴. Diante disso, entendemos que a sociedade define que o professor terá a incumbência de normalizar seus estudantes, impugnando aquilo que for entendido como “desvio aos padrões”. Traçando um paralelo entre os sentidos de norma aqui expostos, caberá à escola e ao professor, em uma perspectiva tradicional de educação, combater o comportamento “fora do padrão” apresentado pelo corpo discente, inclusive, aquilo que for da ordem de sua sexualidade.

No que diz respeito à ética na pesquisa, o projeto *As linguagens da ternura e da paixão como componentes do espaço escolar: o professor para além da função normativa* foi avaliado e aprovado pelos comitês de ética da Universidade Federal Fluminense e do Colégio Pedro II, por meio da Plataforma Brasil. Após estas aprovações, nos deslocamos até o *campus* e, por alguns dias, em caráter de visita, convidamos alguns colegas a participarem das entrevistas de coleta de dados. No decorrer destes convites, explicamos do que se tratava a pesquisa, colocando-nos à disposição para esclarecermos eventuais dúvidas e respondermos a possíveis questionamentos. Todas as despesas relacionadas aos deslocamentos e ao material de pesquisa foram pagas com recursos do próprio pesquisador.

As entrevistas foram agendadas com todos os colaboradores da pesquisa e estes docentes receberam, por e-mail, uma via dos TCLEs para leitura prévia do documento. Planejamos, inicialmente, que as entrevistas ocorressem em um local reservado da sala dos professores. Entretanto, alguns entrevistados optaram por outros espaços mais reservados, como as salas de suas disciplinas ou os laboratórios disponíveis no *campus*. Não nos opusemos a quaisquer alterações, pois, priorizamos, o relato livre de qualquer impedimento e a preservação da identidade dos entrevistados.

Janeiro: Graal, 1978, p. 278-281.

⁴ “O castigo significa basicamente tornar público o ato desobediente para causar no infrator o necessário constrangimento disciplinador. A comparação do seu mau comportamento com o dos demais alunos o envergonhará e corrigirá. A punição visa não à expiação da culpa mas a mostrar a incompetência do faltoso. Punições e gratificações entram no jogo disciplinar dentro desta perspectiva de comparação de condutas”. MACHADO, R. et al. *Danação da Norma - medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p.303.

Como primeiro critério de inclusão, buscamos ouvir ao menos um professor de cada disciplina que integrasse o currículo dos ensinos fundamental e médio, de acordo com a disposição de cada docente em contribuir. O segundo critério de inclusão, nessa pesquisa, foi o de que o professor entrevistado atuasse no *campus* Realengo II, por mais de um ano letivo, e que este atuasse com dedicação exclusiva e com carga horária de 40 horas semanais. Este docente deveria atuar, prioritariamente, nos Ensinos Fundamental e/ou Médio. Seguindo as premissas formais contidas no TCLE, todas as entrevistas ocorreram no interior do *campus*, de modo presencial e mediante assinatura do referido documento.

O critério de exclusão dos participantes se deu somente no momento inicial da seleção, já que o professor que não contemplasse os aspectos supracitados não seria incluído na etapa da entrevista. Outra maneira de exclusão, prevista no projeto, compreenderia o professor que, por vontade própria, solicitasse o cancelamento de sua participação na pesquisa, o que não ocorreu. Destacamos, aqui, o espírito voluntarioso dos professores em participar de uma pesquisa desenvolvida por um colega e, ao mesmo tempo, ressaltamos o interesse, manifestado pela maior parte dos entrevistados, pelo tema do cuidado com a saúde mental do professor.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro que continha dez perguntas e que poderiam sofrer alterações de acordo com o contexto. Por exemplo, em alguns casos, não se mostrou necessário o uso de todas as perguntas previstas, dado que os professores anteciparam ou adiantaram elementos nelas abordados. A transcrição das entrevistas foi feita pelo próprio pesquisador e de modo literal. Este material foi analisado com base na análise do discurso francesa de Dominique Maingueneau (1996, 2014/2023). A escolha por essa abordagem nos permitiu estabelecer relações entre o dito e o expresso pelo não dito, através das expressões faciais, dos gaguejos, das pausas, dos lapsos, dos gestos e de outras manifestações que escapam ao enunciado consciente. As menções aos docentes entrevistados, no presente relatório, será feita por meio da letra P, seguida do número que indica a ordem do relato citado, dentro do escopo de vinte professores colaboradores.

A maioria do professorado do *campus* Realengo II declarou que sua relação com seus estudantes passava por um processo de construção, sem deixar de lado o aspecto afetivo, como descreve P2: “Procuro ser afetiva, sem contato físico”. Na mesma linha de pensamento, P3 declara: “Eu enxergo (a relação) de uma forma saudável. Eu acho que eu tento ser o mais empático possível”. Ao mesmo tempo, os professores demonstraram preocupação com o aspecto disciplinar, principalmente, no que tange ao respeito dos estudantes para com seus professores e, do mesmo modo, para com seus colegas de classe.

Se há um investimento de energia psíquica voltado para o aspecto disciplinar, em sala de aula, tal desgaste energético foi interpretado como ainda mais intenso, quando falamos das normas que regulam o trabalho dos professores. O programa das disciplinas e o calendário escolar foram as normativas mais mencionadas pelos docentes como aquelas que interferem na produção de um mal-estar tanto em sua vida pessoal, quanto em sua atuação profissional. A maioria dos professores entrevistados, em seus relatos, relacionou o conteúdo programático ao calendário escolar, associando os documentos à ansiedade e aos esgotamentos físico e mental, gerados por estresse.

Observamos que os relatos dos professores não se detiveram a um olhar apenas voltado para seu sofrimento, mediante a normalização do espaço escolar, através de um discurso limitado à “linguagem da paixão”. As entrevistas também demonstraram a expressão da “linguagem da ternura”, por parte dos professores, para com seus estudantes. P14, por exemplo, inclui os estudantes em sua crítica em relação à falta de tempo diante do que é exigido pela instituição em termo de assimilação de conteúdos: “Então, tá (sic) exigindo que o aluno aprenda muito rápido um conteúdo que demorou anos pros pensadores, pros cientistas desenvolverem”.

É importante contextualizarmos que o Colégio Pedro II, assim como outras instituições da Rede Federal de Ensino, passaram por um período de greve que foi deflagrada no dia 03 de abril e encerrada no dia 1º de julho de 2024. Havia uma expectativa da comunidade escolar de que o calendário de 2014 fosse encerrado em dezembro deste ano, depois do desajuste causado pela interrupção das atividades em razão da pandemia de COVID-19, o que não se consumou. No entanto, o debate sobre este tema não deve ser afastado da luta dos professores por melhores condições de trabalho, tentando, por meio de movimentos de greve, evitar o sucateamento da instituição, que depende de recursos públicos, oriundos do Ministério da Educação.

Ao longo das entrevistas, alguns professores se mostraram sensíveis às questões sociais de uma parcela dos alunos do *campus* e manifestaram sua preocupação com a forma como o sistema escolar em vigência pode interferir no processo de evasão desses estudantes. Embora os docentes entrevistados não tenham mencionado o termo “racismo” em suas falas, o tema da vulnerabilidade social na educação pública brasileira, nos permite evocar o texto *Um racismo desmentido* (2017), de Jô Gondar. Nete artigo, a autora afirma que há uma relação entre as questões raciais e as desigualdades econômicas e sociais em nosso país:

Dois traumas principais são responsáveis por diversas facetas da cultura e da sociedade brasileira. O primeiro deles é o processo de colonização, responsável pelo genocídio da população indígena; o segundo é a experiência da escravidão (Janine Ribeiro, 1999). Esses dois traumas não ficaram no passado, não foram superados e continuam sendo reatualizados – e essa é a lógica do funcionamento traumático, a da

compulsão à repetição –, estando presentes em toda a estrutura das relações sociais do país. Eles se mostram ainda atuantes, tanto no plano da macropolítica, na clara desigualdade econômica e jurídica que existe entre brancos e negros e entre brancos e índios[sic]⁵ (...) (2017, p.47).

Diante disso, questionamos em que medida o fato de os professores não terem tratado do tema racismo, ao abordar o tema da desigualdade, deveu-se à naturalização da hierarquização racial à estrutura de nossa sociedade. Por outro lado, é importante ponderarmos até que ponto o mito da democracia racial (Carine, 2023) interfere nas relações estabelecidas entre os professores do *campus* e seus estudantes. E se pensamos em adotar uma prática docente antirracista, é preciso, antes de tudo, reconhecermos que o traumático, causado pelo processo de escravização, integra nossa sala de aula.

Nesse sentido, caberá ao professor reconhecer o sofrimento de seu estudante, acolhendo sua dor ou refutá-la, provocando um desmentido racial, o que agravaria, assim, a angústia da vítima. Ferenczi versa sobre o desmentido, ressaltando o papel do adulto diante do traumático: “O paciente relata-nos, então as ações e reações inadequadas dos adultos, diante de suas manifestações (...). O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento” (Ferenczi, 1931/2011). Acreditamos, porém, que o reconhecimento da dor de um indivíduo em vulnerabilidade ocorre por meio do conflito da vítima com aqueles que o cercam, pela garantia de seus direitos, como nos esclarece Axel Honneth, no livro *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (2003).

Os professores que colaboraram com a pesquisa, em sua maioria, declararam preferir o diálogo à aplicação das punições previstas pelo Colégio. Ao mesmo tempo, a maioria dos docentes considera importante esse conjunto de punições para que a estrutura disciplinar do *campus* possa agir diante de casos em que uma intervenção disciplinar mais rigorosa seja necessária. No que diz respeito à patrulha ideológica a qual o professor estaria submetido, todos os professores afirmaram acreditar em sua existência. Alguns educadores, inclusive, mencionaram, sem qualquer tipo de provocação, o movimento conhecido como *Escola sem partido*.

Os professores argumentaram que a censura por eles sofrida tem por origem as famílias. Alguns professores relataram casos de tentativa de ingerência de responsáveis de alunos em materiais utilizados e, até mesmo, em notas atribuídas a estudantes. Tais tentativas de cerceamento também são notadas pelos professores, a partir de questionamentos incisivos dos discentes, baseados em crenças e não, em argumentos científicos, como relata P7, que foi

⁵ Leia-se, nesta citação: “povos originários” ou “povos indígenas”.

interpelado ao tratar do negacionismo na pandemia: “Eu coloquei os argumentos e os fatos, ali, porque eu sou professor [nome da disciplina], então, a gente trabalha com dados e fatos, e o menino, me, me, me questionou, como se ali fosse uma posição política minha”.

Só que as tentativas de repressão aos docentes não se limitam ao discurso contrário a uma suposta doutrinação política. Os professores precisam lidar, da mesma maneira, com o discurso inverídico, de que os docentes propagam uma ideologia de gênero não só no *campus*, como em todo Colégio e, por que não dizer, no ensino público em geral. Este discurso, enfatizado pela extrema-direita brasileira, parece interferir no cotidiano do *campus* Realengo II, visto que a maior parte dos docentes entrevistados entende que uma parcela dos estudantes adota uma postura de vigilância à conduta de seus professores, em sala de aula. Fora dos microfones, um professor, membro da comunidade LGBTQIAP+, relatou ter sido vítima de preconceito por parte de um estudante, e afirmou que precisou reagir de forma enérgica, diante de toda turma. Outros docentes declararam perceber que há casos em que estudantes se mostram resistentes a temas que compreendem aspectos, não só da cultura que envolve a comunidade LGBTQIAP+, mas também, àquelas concernentes a outras minorias.

Nosso estudo demonstrou que as reclamações dos professores relacionadas à falta de motivação para o exercício da docência se aliam a um contexto social em que a produção excessiva e o consequente esgotamento do trabalhador é visto como algo positivo (Han, 2017/2024). Todavia, os relatos dos docentes do *campus* apontam para uma rigidez das normativas burocráticas do Colégio, que produzem efeitos negativos na saúde mental do corpo docente. Consoante aos relatos dos entrevistados, concluímos que estes malefícios se tornam aparentes, corporalmente falando, por meio de sensações de demasiado cansaço e de considerável desânimo no desempenho de tarefas relativas à docência.

Outrossim, a pesquisa apresenta dados significantes de que o corpo docente do *campus* compromete-se em ofertar uma educação de qualidade para seus estudantes. A escuta destes professores, nos credencia a interpretar, ainda, que a maior parcela deste corpo docente intenciona romper com uma ideia de uniculturalidade, colocando em prática, iniciativas pedagógicas deslocadas de parâmetros culturais coloniais. As entrevistas, que compõem o quadro da pesquisa em questão, ofertaram ao pesquisador a oportunidade de refletir sobre sua própria prática e perceber, nos relatos de seus colegas, que as “linguagens da paixão e da ternura” transitam nos discursos dos docentes que, na maioria dos casos, anseiam por um Colégio Pedro II mais acolhedor e ainda mais inclusivo.

Logo, desejamos que os resultados da pesquisa concluída possam contribuir, de alguma forma, com o Colégio, de maneira a estimular sorrisos mais intensos e punhos mais erguidos no entoar de cada “tabuada”, afetuoso cântico dos discentes do CPII. E se ao Pedro II “é tudo”, como é cantado, que o cuidado com a saúde mental dos docentes, os quais lidam, diariamente, com o traumático, seja entendido como uma prioridade para a secular instituição.

REFERÊNCIAS:

ARREGUY, M. E. A inversão da palmatória e seus reflexos na atualidade. *Movimento – Revista de Educação* 1(1), 1-15, 2014. Disponível em <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32452/18587> (acesso em 30/10/2024).

ARREGUY, M. E. & MONTES, F. F. Ferenczi e a educação: desconstruindo a violência desmentida. *Estilos de Clínica*, V. 24, nº 2, 2019, p. 246-261. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/160938/156566> (acesso em 27/10/2024).

BENTO, C. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007 (1974).

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011 (1979-1982).

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

BUTLER, J. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

CARINE, B. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta, 2023.

FERENCZI, S. Psicanálise e pedagogia. In: Sándor Ferenczi, *Psicanálise I – Obras completas*. Trad. de A.Cabral, Vol. 1, p. 39-44. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1908).

FERENCZI, S. Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In: Sándor Ferenczi, *Psicanálise III – Obras completas*. Trad. de A.Cabral, Vol. 3, p. 277-357. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1924).

FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: Sándor Ferenczi, *Psicanálise IV – Obras completas*. Trad. de A.Cabral, Vol. 4, p. 30-42. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1928).

FERENCZI, S. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: Sándor Ferenczi, *Psicanálise IV – Obras completas*. Trad. de A.Cabral, Vol. 4, p. 55-60. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1929).

FERENCZI, S. Análise de crianças com adultos. In: Sándor Ferenczi, *Psicanálise IV – Obras completas*. Trad. de A.Cabral, Vol. 4, p. 79-95. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1931).

- FERENCZI, S. *Diário Clínico*. Trad. de A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990 (1932).
- FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: Sándor Ferenczi, *Psicanálise IV – Obras completas*. Trad. de A.Cabral, Vol. 4, p. 111-121. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1933).
- FERENCZI, S. Reflexões sobre o trauma. In: Sándor Ferenczi, *Psicanálise IV – Obras completas*. Trad. de A.Cabral, Vol. 4, p. 125-135. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1934).
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Coimbra: Edições 70, 2023 (1969).
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2022 (1975).
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz & Terra, 1978 (2017)
- FOUCAULT, M. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2021 (2001).
- FREUD, S. O estranho. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (1919).
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Cienbook, 2020 (1930).
- GONDAR, J. Um racismo desmentido. In: ARREGUY, M. E.; COELHO, B. M.; CABRAL, S. (org.) *Racismo, Capitalismo e Subjetividade: leituras psicanalíticas e filosóficas*. Niterói: Eduff, 2018, p. 47-57.
- GONDAR, J. Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise - Cad. psicanal.* [online]. 2012, vol.34, n.27, pp. 193-210. ISSN 1413-6295. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952012000200011&script=sci_abstract (acesso em 12/10/2024).
- GONDAR, J. Um crítico da normatividade. In: GONDAR, J. & REIS, E.S. *Com Ferenczi - O coletivo na clínica: racismo, fragmentações, trânsitos*. São Paulo: Zagodoni Editora, 2022.
- HAN, B., C. (2017/2024) *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2024 (2017).
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- KUPERMANN, D. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni Editora, 2022 (2019).
- MACHADO, R. et al. *Danação da Norma - medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2023 (2014).
- MASSENA, E. P. *Zanzar entre currículos pensadospraticados: um mergulho nos cotidianos do Colégio Pedro II – Campus Realengo II (2014-2018)* (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

OSMO, A. & KUPERMANN, D. (2012) Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo*, v.17, n.2. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/zhbBSFMNJdcDJfQnd8pppcP/>. Acesso em: 30 jul 2024.

PATTO, M.H.S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: 2022.

SANTOS, D. V. D. *O Colégio Pedro II e o bairro de Realengo (2001-2008): o preâmbulo de uma história* (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, L.S. D. *O ideal da excelência escolar e a subjetividade do estudante de classes populares em escolas de alto padrão educacional* (Tese de Doutorado). Niterói: Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2022.

Produções bibliográficas

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2977-0396>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2874774071968590>

Produção final

Produção de artigo em coautoria com a supervisora, sendo este manuscrito submetido à revista científica Qualis A2, para avaliação cega.

Capítulos de livros publicados

1. MONTEIRO. A função normativa como preservação da uniformidade cultural no espaço escolar: os desafios do fazer docente em meio à confusão de línguas In: PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E O PENSAMENTO DECOLONIAL, ed.518. Contagem, Minas Gerais: Editora Escola Cidadã, 2024, v.I, p. 190 - 201.
Palavras-chave: função normativa, decolonialidade, Ferenczi, Educação, Psicanálise
Meio de divulgação: Vários, ISBN: 9786588478769
Home page: <https://www.editoraescolacidada.com.br/> (cf. anexo 2)
2. MONTEIRO; ARREGUY, M. E.. O espaço escolar e os silenciamentos pela norma: o professor em meio à confusão de línguas. In: Sujeitos e espaços educacionais: olhares discursivos, interdisciplinares e críticos., ed.1. Itapiranga - SC: Schreiber, 2024, v.1, p. 124- 132.
Palavras-chave: linguagem da ternura , linguagem da paixão , norma, silenciamento
ISBN: 9786554402361
Home page: Link direto: <https://www.editoraschreiber.com/livros/sujeitos-e-espa%C3%A7os-educacionais%3A-olhares-discursivos%2C-interdisciplinares-e-cr%C3%ADticos> (cf. anexo 3)

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. MONTEIRO. A função normativa como modo de silenciamento do docente: o professor para além da dinâmica de docilização dos corpos In: VIII Colóquio Nacional Michel Foucault, 2024, Uberlândia. VIII Colóquio Nacional Michel Foucault - Anais Eletrônicos. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2024, v.1, p.1 - 11
Palavras-chave: função normativa, silenciamento, Educação
Meio de divulgação: Meio digital. Home page: [https://www.coloquiofoucault.com.br/]
Link direto: <https://www.coloquiofoucault.com.br/anais/trabalhos/lista#L> (cf. anexo 4)

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. MONTEIRO. A função normativa como modo de silenciamento do docente: o professor para além da dinâmica de docilização dos corpos In: VIII Colóquio Nacional Michel Foucault, 2024, Uberlândia. VIII Colóquio Nacional Michel Foucault - Caderno de resumos. Uberlândia-MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2024, v.1, p.60.
Palavras-chave: Colégio Pedro II, Educação, Psicanálise, norma, silenciamento
Meio de divulgação: Vários. Home page: [https://www.coloquiofoucault.com.br]
 (cf. anexo 5)

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo expandido)

1. MONTEIRO. A função normativa como preservação da uniformidade cultural no espaço escolar: os desafios do fazer docente em meio à confusão de línguas. In: IV Simpósio de Psicanálise e Educação de Minas Gerais, 2024, Belo Horizonte. Anais do IV Simpósio de Psicanálise e Educação de Minas Gerais. Belo Horizonte: Ed. dos Autores, 2024, v.1, p.139 - 143
Palavras-chave: Educação, Ensino básico, norma, Psicanálise, decolonialidade
Meio de divulgação: Meio digital. Home page: [https://drive.google.com/file/d/1g02-MV3VqFD6u4sS7LWLh7N6z_eQPGGV/view?usp=sharing] (cf. anexo 6)
2. MONTEIRO; ARREGUY, M. E.. O professor diante da norma: os desafios da docência na preservação dos Direitos Humanos In: III Semana Internacional Sobre Educação, Direitos Humanos, Diversidade Sexual e Gênero, 2024, Niterói. Anais da III Semana Internacional Sobre Educação, Direitos Humanos, Diversidade Sexual e Gênero. Niterói: Projeto Direitos Humanos e Educação, 2024, v.I, p.82 - 88
Palavras-chave: norma, professor, Direitos Humanos, Ferenczi, Educação
Meio de divulgação: Vários. Home page: [https://11nq.com/rpwd3] *Link direto: https://www.researchgate.net/publication/383784900_Anais_da_III_Semana_Internacional_sobre_Educacao_Direitos_Humanos_Diversidade_Sexual_e_Genero* (cf. anexo 7)

Apresentações de Trabalho

1. MONTEIRO. A função normativa como preservação da uniformidade cultural no espaço escolar: os desafios do fazer docente em meio à confusão de línguas. 2024 (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

Nome do evento: IV Simpósio de Psicanálise e Educação de Minas Gerais.
Local: Faculdade de Educação – UFMG – Belo Horizonte/MG.

2. MONTEIRO; ARREGUY, M. E. As linguagens da ternura e da paixão como componentes do espaço escolar: o professor para além da função normativa. 2024 (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

Nome do evento: 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi.
Local: Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo/SP.

3. MONTEIRO. A função normativa como modo de silenciamento do docente: o professor para além da dinâmica de docilização dos corpos. 2024 (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

Nome do evento: VIII Colóquio Nacional Michel Foucault.
Local: Faculdade de Educação – Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia /MG.

4. MONTEIRO; ARREGUY, M. E. O professor diante da norma: os desafios da docência na preservação dos Direitos Humanos. 2024 (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

Nome do evento: 3ª Semana Internacional sobre educação, direitos humanos, diversidade sexual e gênero (evento on-line).

Niterói, 20 de novembro de 2024.

Luiz Paulo dos Santos Monteiro

Anexo 1



Registros de nossa participação no IV Simpósio de Psicanálise e Educação de Minas Gerais (abril/2024). Foto 1: Luiz Paulo Monteiro, durante a apresentação de sua comunicação. Foto2: Luiz Paulo Monteiro e a supervisora da pesquisa, a Prof^a. Marília Etienne Arreguy.



Registro de participação na 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi (maio/2024).



Registro de participação no VIII Colóquio Nacional Michel Foucault (agosto/2024).

Anexo 2

Psicanálise, Educação e o Pensamento Decolonial



Organizadoras(es):
Libéria Neves
Michele Ueno Guimarães
Mônica Rahme
Pedro Castilho



Psicanálise, Educação e o Pensamento Decolonial



PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E O PENSAMENTO DECOLONIAL.

2024, Editora Escola Cidadã, Contagem, Minas Gerais.

Editora Responsável: Fabíola de Almeida Guedes.

Projeto gráfico de capa e miolo: Jacimar de Oliveira Souza.

Revisão ortográfica: Marcos Henrique Rodrigues da Silva e organizadores(as).

Revisão Final: Equipe Editora Escola Cidadã.

Conselho Editorial: Me. Alfredo Carnevali Motta (FVH); Dr^a. Ana Maria Clementino Jesus e Silva (UEMG); Dr. Antônio Carlos Figueiredo Costa (UEMG); Dr. Christian Muleka Mwewa (UFMS); Dr. Diego dos Santos Reis (UFPB); Dr. Eduardo Henrique de Matos Lima (UFSJ); Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos; Dr^a. Juliana de Fátima Souza (UEMG); Dr^a. Maria do Perpétuo Socorro de Lima Costa (UFVJM); Dr. Otavio Henrique Ferreira da Silva (UEMG); Dr^a. Patrícia Maria Caetano de Araújo (UEMG); Dr. Pedro Luiz Teixeira de Camargo (IFMG); Me. Renato Cassim Nunes (PUC Minas); Dr. Rivalvo Felix de Araújo (UEMG); Dr. Sandro Vinicius Sales dos Santos (UFVJM); Dr^a. Thatiane Santos Ruas (UEMG); Dr. Walesson Gomes Da Silva (UEMG); Dr^a. Walkiria França Vieira e Teixeira (UEMG); Dr. Webert Júnio Araújo (UEMG); Dr^a. Welessandra Aparecida Benfica (UEMG).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N518p Neves, Libéria Rodrigues.

PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E O PENSAMENTO DECOLONIAL / Organizadores e autores: Libéria Rodrigues Neves; Michele Hidemi Ueno Guimarães; Mônica Maria Farid Rahme; Pedro Teixeira Castilho. Outros autores: André Luís de Souza Lima; Carla Biancha Angelucci; Welber de Barros Pinheiro; dentre outros. 1^a. ed. Contagem, MG/Brasil: Editora Escola Cidadã, 2024.

Copyright © [2024] by Organizadores(as). 322 p.; 15x21cm.

ISBN: 978.65.88478.76.9

1. Psicanalise. 2. Educação. 3. Pensamento decolonial. Título.

CDD: 370

A responsabilidade pelo conteúdo desta obra é exclusivamente dos organizadores(as). Os(as) organizadores(as) permitem a utilização e reprodução desta obra para fins científicos, educacionais e culturais desde que citada a autoria.



ESCOLA
CIDADÃ
EDITORA

Ideias transformadoras e inclusão social

Tel.: 31 97140-0336 / E-mail: editoriaec@gmail.com

Site: www.editoraescolacidada.com.br

Facebook.com/editoraescolacidada

Instagram @editoriaec

Capítulo 8 - “Alguma coisa acontece no quando agora em mim”:
racismo, melancolia e samba - **107**

Lucas Emmanoel C. de Oliveira

Capítulo 9 - A Chamada: *Artivismo* e decolonialidade na performance
de Paulo Nazareth - **121**

Libéria Neves

Capítulo 10 - Psicanálise, política e poesia: a *flânerie* na *Slam* das
Minas e a dimensão traumática da violência de gênero - **131**

Bruna Ferreira de Oliveira

Rose Gurski

PARTE 3 - PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E DECOLONIALIDADE

Capítulo 11 - A escola e suas cores: uma aposta de trabalho da
psicanálise lendo as questões raciais e seus impasses - **145**

Renata Mendonça

Capítulo 12 - Encruzilhadas Decoloniais: Psicanálise, Educação e
Estudos da Deficiência - **155**

André Luís de Souza Lima

Carla Karnoppi Vasques

Capítulo 13 - Cultura, Psicanálise e educação: tríade na escuta de
contos africanos como práxis educativa decolonial - **165**

Antonia Magaly Conceição de Oliveira

Maria de Lourdes Soares Ornellas

Patrick Akoa

Capítulo 14 - Uma proposta de ação contra a colonialidade do poder no
ensino da língua inglesa: uma prática malograda - **179**

Natália Costa Leite

Gláucio Geraldo Moura Fernandes

Capítulo 15 - A função normativa como preservação da uniformidade
cultural no espaço escolar: os desafios do fazer docente em meio à
confusão de línguas - **187**

Luiz Paulo dos Santos Monteiro

CAPÍTULO 15

A FUNÇÃO NORMATIVA COMO PRESERVAÇÃO DA UNIFORMIDADE CULTURAL NO ESPAÇO ESCOLAR: OS DESAFIOS DO FAZER DOCENTE EM MEIO À CONFUSÃO DE LÍNGUAS

Luiz Paulo dos Santos Monteiro

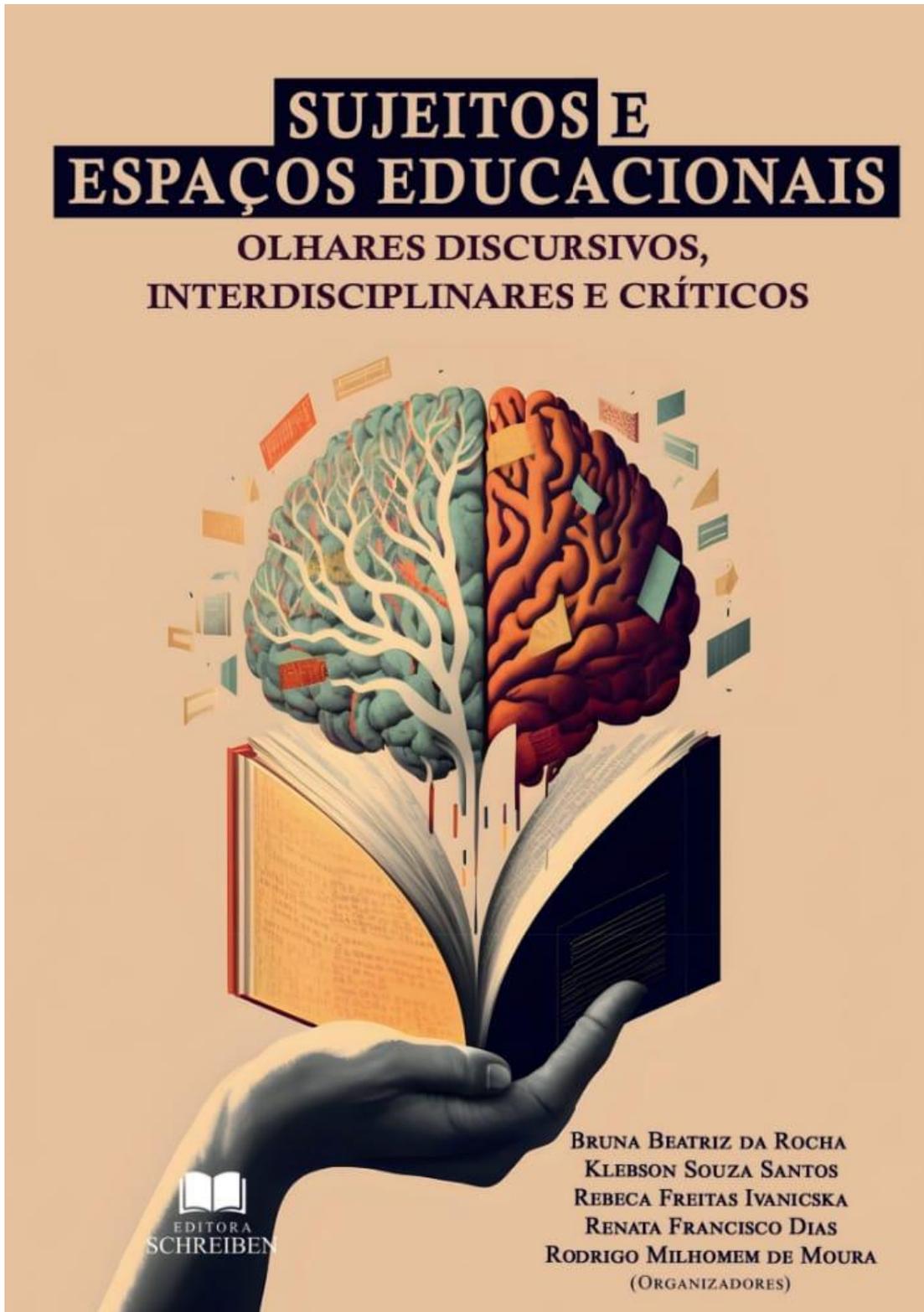
No presente trabalho, propomos um debate sobre os efeitos da função normativa na prática docente e, de que maneira, tal função se constitui como um dos modos de silenciamento do professor no espaço escolar. Buscamos, ainda, questionar os meios pelos quais a norma atua na preservação da unidade cultural na escola. Entendemos que, no ambiente escolar, as expressões culturais trazidas pelas individualidades são eclipsadas em prol da conservação de uma cultura hegemônica imposta, sob a justificativa da realização de um ensino capaz de atingir a todos os estudantes.

Essa cultura privilegiada pela escola contribuiria, então, para a exclusão daqueles que não se adequam ao modelo cultural por ela proposto (Patto, 2022). Atentamos para o fato de a escola fundamentar suas práticas educativas com base no discurso científico, o qual está subordinado a determinações de ordens econômica e política⁷⁶. Nessa dinâmica, os estabelecimentos de ensino trabalham na produção de uma verdade legitimada no corpo social, conforme afirma Foucault, em *Microfísica do poder*: “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (2017/1978, p. 52).

Na construção do conhecimento, as relações de poder, nas quais professores e estudantes estão inseridos, adotam como parâmetro paradigmas culturais eurocêtricos. Estes paradigmas decorrem de um pensamento histórico-cultural, amparado nas experiências europeias como padrão de referência universal. Nesses moldes, a leitura do tempo, assim como a do espaço, se organiza conforme as especificidades culturais ditadas por um prisma colonial (Núñez, 2023). Dessa maneira, aquilo que é distinto desse padrão cultural, inclusive o saber, não é apenas diferente, e sim, inferior. (Lander, 2005).

⁷⁶ Cf. Foucault, M. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. São Paulo: Paz & Terra, 2017 (1978), p. 52-53.

Anexo 3



BRUNA BEATRIZ DA ROCHA
KLEBSON SOUZA SANTOS
REBECA FREITAS IVANICKA
RENATA FRANCISCO DIAS
RODRIGO MILHOMEM DE MOURA
(ORGANIZADORES)

SUJEITOS E ESPAÇOS EDUCACIONAIS:



**OLHARES DISCURSIVOS,
INTERDISCIPLINARES E CRÍTICOS**


EDITORA
SCHREIBEN
2024

© Dos Organizadores - 2024
 Editoração e capa: Schreiber
 Imagem da capa: darkmooondesgin - Freepik.com
 Revisão: os autores
 Livro publicado em: 27/03/2024
 Termo de publicação: TP0132024

Conselho Editorial (Editora Schreiber):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
 Dr. Airton Spies (EPAGRI)
 Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
 Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
 Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
 Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
 Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
 Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
 Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
 Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
 Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
 Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
 Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
 Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
 Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
 Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
 Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
 Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
 Dra. Marciane Kessler (URI)
 Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
 Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
 Dr. Odair Neitzel (UFFS)
 Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiber
 Linha Cordilheira - SC-163
 89896-000 Itapiranga/SC
 Tel: (49) 3678 7254
 editoraschreiber@gmail.com
 www.editoraschreiber.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Sujeitos e espaços educacionais : olhares discursivos, interdisciplinares e críticos. / Organizadores: Bruna Beatriz da Rocha... [et al.]. – Itapiranga : Schreiber, 2024. 362 p. : il. ; e-book

E-book no formato PDF.
 EISBN: 978-65-5440-236-1
 DOI: 10.29327/5386422

1. Educação. 2. Educação inclusiva. 3. Professores – formação. I. Título. II. Rocha, Bruna Beatriz da. III. Santos, Klebson Souza. IV. Ivanicska, Rebeca Freitas. V. Dias, Renata Francisco. VI. Moura, Rodrigo Milhomem de.

CDU 376

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

¿VAMOS A HABLAR ESPAÑOL?, O CINEMA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NO ENSINO MÉDIO.....	89
<i>Joel Cardoso</i>	
<i>Antônio Carlos Braga Silva</i>	
<i>Júlio César da Silva Corrêa</i>	
COOFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA MEBÊNGÔKRE NO MUNICÍPIO DE SÃO FÉLIX DO XINGU-PA: IMPACTOS E DESAFIOS.....	100
<i>Elizandra Maria Gonçalves Amaral</i>	
LÍNGUA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: PERCEPÇÕES SOBRE O BILINGUISMO DE MEMÓRIA NA EDUCAÇÃO INDÍGENA TERENA EM MATO GROSSO.....	113
<i>Jislaine da Luz</i>	
O ESPAÇO ESCOLAR E OS SILENCIAMENTOS PELA NORMA: O PROFESSOR EM MEIO À CONFUSÃO DE LÍNGUAS.....	124
<i>Luiz Paulo dos Santos Monteiro</i>	
<i>Marília Etienne Arreguy</i>	
O ATRAVESSAMENTO PANDÊMICO: REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE DOCENTE.....	137
<i>Ana Clésia de Oliveira</i>	
O USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS DIGITAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: POSSIBILIDADES E LIMITES.....	146
<i>Claudimar Paes de Almeida</i>	
<i>Denise de Almeida Pereira</i>	
<i>Marizeth Aguiar do Carmo</i>	
<i>Rose Belite Cardozo Aguiar</i>	
<i>Tatiane de Aguiar Romano</i>	
ENSINO HÍBRIDO E O DESAFIO DA ATUAÇÃO DOCENTE: UMA PERSPECTIVA PARA O SÉCULO XXI.....	160
<i>Vagner Oto Bienemann</i>	
A CONSTRUÇÃO DO BEM-ESTAR DOCENTE NO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÃO A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE PROFESSORES EXPERIENTES.....	166
<i>Giovana Boicko</i>	
<i>Odilon Luiz Poli</i>	
<i>Circe Mara Marques</i>	
FORMAÇÃO DOCENTE E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DE EDUCAÇÃO.....	178
<i>Lidiane Ap. Alvim Araújo</i>	
<i>Dulcineia Beatriz Oliveira</i>	

O ESPAÇO ESCOLAR E OS SILENCIAMENTOS PELA NORMA: O PROFESSOR EM MEIO À CONFUSÃO DE LÍNGUAS

Luiz Paulo dos Santos Monteiro¹

Marília Etienne Arreguy²

Refletir sobre o papel do professor no espaço escolar, tendo por base os escritos de Ferenczi, é pensar o fazer docente em uma perspectiva distanciada da imagem da escola tradicional, que reduz a função do docente àquela de aplicador da norma escolar. Entendemos, assim, que é necessário, *a priori*, rompermos com a concepção de escola como um lugar capaz de instituir um modo único de educar a todos. Essa forma de ensinar tende ao silenciando das individualidades e prioriza uma noção de uniformidade, a qual se impõe por meio das normas escolares, determinando a adequação dos indivíduos às regras do espaço escolar. Desse modo, a escola surge como um local responsável pela docilização dos corpos (Foucault, 2022/1975), onde crianças e jovens teriam suas pulsões controladas e, com a ação castradora de seus agentes, estariam prontos para o ideal de uma vida em sociedade.

Mesmo entendendo as funções sociais da escola, nossas reflexões nos conduzem a uma percepção do espaço escolar, no qual, seus agentes interpretem a educação como resultado de um processo de aculturação. O processo de ensino e aprendizagem se processa, então, em consonância com o mal-estar gerado pelo recalçamento das pulsões que são ali reprimidas (Freud, 2020/1930). Aceitar esse mal-estar³ é desmistificar a noção de que a escola seria um espaço de equilíbrio pleno e de bem-estar contínuo. Essa plenitude idealizada só se consumaria, na prática, se desvinculássemos a escola do contexto social em que está inserida.

Todavia, é esse contexto que integra a comunidade escolar à sua

1 Professor EBTB do Colégio Pedro II, lotado no campus Realengo II. É Mestre e Doutor em Letras Neolatinas pela UFRJ e, atualmente, realiza seu estágio de pós-doutoramento em Educação pela UFF. E-mail: lupamont@gmail.com.

2 Professora Associada III da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Coordenadora do Grupo Alteridade Psicanálise e Educação (GAPE) / UFF - CNPq. E-mail: mariliaetienne@id.uff.br.

3 Cf. ARREGUY, M. E. & MONTES, F. F. Ferenczi e a educação: desconstruindo a violência desmentida. *Estilos de Clínica*, V. 24, n° 2, 2019, p. 246-261. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/160938/156566> (acesso em 30/12/2023).

Anexo 4



**A FUNÇÃO NORMATIVA COMO MODO DE SILENCIAMENTO DO
DOCENTE: O PROFESSOR PARA ALÉM DA DINÂMICA DE DOCILIZAÇÃO
DOS CORPOS**

Luiz Paulo dos Santos Monteiro¹

CPII/UFF-lupamont@gmail.com

RESUMO: Propomos uma reflexão sobre a função normativa do professor como meio de o silenciar e, conseqüentemente, de esvaziar o seu papel político no interior do espaço escolar. Tal reflexão se alia ao nosso projeto de Pós-doutoramento intitulado "As linguagens da ternura e da paixão como componentes do espaço escolar: o professor para além da função normativa", cujo tema propõe um estudo clínico-político da prática docente de professores do campus Realengo II, do Colégio Pedro II, pertencente à rede federal de ensino. O estudo em questão conta com a supervisão da Profa. Dra. Marília Etienne Arreguy e foi submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFF. Questionamos em que medida a escola pública brasileira, nos dias atuais, tem sido resumida a um estabelecimento onde corpos dóceis entrariam para terem suas pulsões controladas, e dali sairiam, ainda mais dóceis para viver em comunidade (Foucault, 2022/1975). Nessa perspectiva, a imagem de "bom" professor surge no espaço escolar como sendo a daquele profissional capaz de melhor controlar os corpos instalados diante de si, em sala de aula. Indagamos se a exaltação do docente com "bom controle de turma" não contribui para o esvaziamento do papel do professor enquanto educador e nutre em demasia a função disciplinadora da escola. Nossa pesquisa se desenvolve, então, por meio de um trabalho de interlocução da psicanálise com o quadro sociopolítico e com a filosofia crítica, enfatizando os conceitos de "linguagem da ternura" e de "linguagem da paixão" de Sándor Ferenczi (1932). O presente trabalho pretende, primeiramente, investigar de que modo a "linguagem da ternura" e a "linguagem da paixão" integram a prática docente, diante das exigências normativas que regulam o trabalho dos professores do CPII. Como segundo objetivo específico, busca-se analisar em que medida o docente do campus Realengo II, do referido colégio, conserva seu pensamento crítico e sua autonomia frente aos traumas produzidos no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: função normativa; silenciamento; educação

Pensar a escola, enquanto espaço relacionado à estrutura social que a cerca, convida-nos a um diálogo constante com os conceitos desenvolvidos por Michel

¹ Professor EBTT do Colégio Pedro II, lotado no campus Realengo II. É Mestre e Doutor em Letras Neolatinas pela UFRJ e, atualmente, realiza seu estágio de pós-doutoramento em Educação pela UFF.



Foucault. Pretende-se, então, com este trabalho, propor uma reflexão sobre o espaço escolar para além de um recinto destinado à docilização de corpos, o qual teria por objetivo final, entregar à sociedade “externa”, por assim dizer, sujeitos com suas pulsões controladas (Freud, 1930) e prontos para a vida em sociedade (Foucault, 2022/1975). Não buscamos, assim, colocar em xeque a função social da escola. Pelo contrário, buscamos debater em que medida a escola é compreendida como um local à parte da estrutura social na qual está inserida e quais os danos dessa visão para o processo educacional nela desenvolvido.

Compreendemos a escola como um espaço de conflitos que intenta, através do estabelecimento de um padrão cultural, homogenizar condutas e legitimar um saber como próprio a ser seguido. Nessa perspectiva, entendemos que seus agentes estão, cada um de acordo com sua trajetória (Bourdieu, 2007/1974), inseridos em um emaranhado de lutas por reconhecimento (Honneth, 2003), fazendo parte de uma cadeia de relações de poder. Faz-se necessário, a partir daí, examinarmos os liames entre os docentes e os discentes, e as tomadas de posições dos docentes entre si, assonciando-os ao conceito de panóptico (Arreguy; Santos, 2023), definido por Foucault como “uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (2022/1975, p. 196)

A base das reflexões desenvolvidas no presente texto é nosso projeto de pós-doutorado, intitulado *As linguagens da ternura e da paixão como componentes do espaço escolar: o professor para além da função normativa*, que adota como tema o estudo clínico-político da prática docente de professores do *campus* Realengo II, situado em um bairro da zona oeste suburbana da cidade do Rio de Janeiro, do Colégio Pedro II, pertencente à rede federal de ensino. Tal projeto conta com a supervisão da Professora Doutora Marília Etienne Arreguy e foi submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, no fim do ano de 2023.

Nossa pesquisa se desenvolve por meio de um trabalho de interlocução da psicanálise com o quadro sociopolítico e com a filosofia crítica, enfatizando os conceitos de “linguagem da ternura” e de “linguagem da paixão” de Sándor Ferenczi (1932). Ressaltamos que nossos apontamentos acerca do espaço escolar decorrem das leituras feitas no Grupo Alteridade Psicanálise e Educação, da Universidade Federal

Anexo 5

***A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE
40 ANOS DO CURSO A CORAGEM DA VERDADE***

**CADERNO DE RESUMOS
E PROGRAMAÇÃO**

Haroldo de Resende
(org.)



2024

A FUNÇÃO NORMATIVA COMO MODO DE SILENCIAMENTO DO DOCENTE: O PROFESSOR PARA ALÉM DA DINÂMICA DE DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS

Luiz Paulo dos Santos Monteiro (CPII/UFF)

Propomos uma reflexão sobre a função normativa do professor como meio de o silenciar e, conseqüentemente, de esvaziar o seu papel político no interior do espaço escolar. Tal reflexão se alia ao nosso projeto de Pós-doutoramento intitulado “As linguagens da ternura e da paixão como componentes do espaço escolar: o professor para além da função normativa”, cujo tema propõe um estudo clínico-político da prática docente de professores do campus Realengo II, do Colégio Pedro II, pertencente à rede federal de ensino. O estudo em questão conta com a supervisão da Profa. Dra. Marília Etienne Arreguy e foi submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFF. Questionamos em que medida a escola pública brasileira, nos dias atuais, tem sido resumida a um estabelecimento onde corpos dóceis entrariam para terem suas pulsões controladas, e dali sairiam, ainda mais dóceis para viver em comunidade (Foucault, 2022/1975). Nessa perspectiva, a imagem de “bom” professor surge no espaço escolar como sendo a daquele profissional capaz de melhor controlar os corpos instalados diante de si, em sala de aula. Indagamos se a exaltação do docente com “bom controle de turma” não contribui para o esvaziamento do papel do professor enquanto educador e nutre em demasia a função disciplinadora da escola. Nossa pesquisa se desenvolve, então, por meio de um trabalho de interlocução da psicanálise com o quadro sociopolítico e com a filosofia crítica, enfatizando os conceitos de “linguagem da ternura” e de “linguagem da paixão” de Sándor Ferenczi (1932). O presente trabalho pretende, primeiramente, investigar de que modo a “linguagem da ternura” e a “linguagem da paixão” integram a prática docente, diante das exigências normativas que regulam o trabalho dos professores do CPII. Como segundo objetivo específico, busca-se analisar em que medida o docente do campus Realengo II, do referido colégio, conserva seu pensamento crítico e sua autonomia frente aos traumas produzidos no espaço escolar.

Anexo 6



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE
E EDUCAÇÃO DE MG:

decolonialidade e
diferenças na cultura

Organizadores:

Carla Jatobá

Libéria Neves

Lucas Emmanoel Oliveira

Margareth Diniz

Michele Ueno

Mônica Rahme

Pedro Castilho



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

IV Simpósio de Psicanálise e Educação de MG
[livro eletrônico] : decolonialidade e
diferenças na cultura / organizadores
Carla Jatobá...[et al.]. -- Belo
Horizonte, MG : Ed. dos Autores, 2024.
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Libéria Neves, Lucas
Emmanuel Oliveira, Margareth Diniz, Michele
Ueno, Mônica Rahme, Pedro Castilho.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-99680-7

1. Decolonialidade 2. Educação 3. Psicanálise
I. Jatobá, Carla. II. Neves, Libéria. III. Oliveira,
Lucas Emmanuel. IV. Diniz, Margareth. V. Ueno,
Michel. VI. Rahme, Mônica VII. Castilho, Pedro.

24-202765

CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e psicanálise 370.15

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

A FUNÇÃO NORMATIVA COMO
PRESERVAÇÃO DA
UNIFORMIDADE CULTURAL NO
ESPAÇO ESCOLAR: OS
DESAFIOS DO FAZER DOCENTE
EM MEIO À CONFUSÃO DE
LÍNGUAS

Luiz Paulo dos Santos Monteiro (Colégio
Pedro II/UFF)
lupamont@gmail.com

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca da função normativa como uma das formas de silenciamento do docente no espaço escolar. A menção à tal função do professor se insere em um contexto de priorização da cultura hegemônica na escola (ARREGUY; SANTOS, 2023), tal qual uma das consequências do pensamento neoliberal. O exercício constante de manutenção, pela norma, de uma ideia de unidade que aproxima a escola de valores tradicionais, permite-nos questionar de que maneira a valorização da tradição se estabelece, calando expressões oriundas de outras culturas, como aquelas dos povos originários.

Há, assim, a necessidade de ruptura

com a concepção de escola como um lugar que institui um modo único de educar, provocando, com isso, a adequação dos indivíduos às regras daquele ambiente, se ali desejarem permanecer. A escola seria, nesta perspectiva, apenas a instituição responsável pela docilização dos corpos (Foucault, 2022/1975), na qual crianças e jovens teriam suas pulsões controladas e estariam prontos para aquilo que se entende como ideal de uma vida em sociedade.

Nossas ponderações nos direcionam a uma leitura do espaço escolar na qual seus agentes possam vir a entender a educação como resultado do processo de aculturação. A aprendizagem se processa em consonância com o mal-estar gerado pelo recalçamento das pulsões reprimidas (Freud, 2020/1930). Aceitar esse mal-estar (Arreguy; Montes, 2019) é desmistificar a ideia de que a escola seria um espaço protegido de conflitos sociais, promovedor de um contínuo bem-estar entre seus integrantes, assegurado pelo conjunto de regramentos disciplinares. A escola é, por nós, compreendida como um espaço de lutas pelo reconhecimento

Anexo 7

**Jonathan Machado Domingues
(Organizador)**

**ANAIS DA III SEMANA INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO,
DIREITOS HUMANOS, DIVERSIDADE SEXUAL E GÊNERO**

*Realização: Projeto Direitos Humanos e Educação
Apoio: Comissão de Diversidade Sexual e de Gênero da OAB Niterói - RJ
ISBN: 978-65-00-94640-6
2024*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

AN532 Anais da III Semana Internacional sobre Educação, Direitos Humanos, Diversidade Sexual e Gênero. Anais...Niterói (RJ) Remoto, 2024

Disponível em <https://l1ng.com/tpwd3>

ISBN: 978-65-00-94640-6

1. Direito 2. Educação 3. Ciências sociais

Remoto

CDD - 370

O PROFESSOR DIANTE DA NORMA: os desafios da docência na preservação dos Direitos Humanos.

Luiz Paulo dos Santos Monteiro³⁶
Marília Etienne Arreguy³⁷

Neste trabalho propomos um debate sobre os desafios impostos ao professor da Educação Básica da rede federal de ensino, enquanto agente preservador dos Direitos Humanos no ambiente escolar. A discussão aqui apresentada se sustenta por entendermos que a função normativa do docente interfere no seu pensamento crítico e atua, conseqüentemente, como um de seus silenciadores no espaço escolar.

Paralelamente a isso, identificamos a norma como um elemento, através do qual, a escola conserva seu princípio de unidade cultural, aliando a educação a valores tradicionais e a um modo de comportamento pautado pela cultura hegemônica. Depreendemos a priorização dessa cultura legitimada, como sendo resultante de um pensamento neoliberal de ensino, no qual a educação se estabelece em consonância com as determinações do mercado (ARREGUY; SANTOS, 2023). Questionamos, até que ponto, a valorização de um modelo de unidade cultural na escola deslegitima outras expressões culturais, como aquelas dos povos originários ou da comunidade LGBTQIAP+.

As reflexões propostas no presente trabalho estão alicerçadas no projeto de pós-doutorado deste pesquisador, intitulado *As linguagens da ternura e da paixão como componentes do espaço escolar: o professor para além da função normativa*. Este projeto propõe, em seu tema, um estudo clínico-político da prática docente de professores do *campus* Realengo II, do Colégio Pedro II, bairro este situado na zona oeste suburbana da capital do estado do Rio de Janeiro.

Tal pesquisa é supervisionada pela Professora Doutora Marília Etienne Arreguy e o projeto em questão foi submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação da

³⁶ Professor EHTT do Colégio Pedro II, lotado no campus Realengo II. É Mestre e Doutor em Letras Neolatinas pela UFRJ e, atualmente, realiza seu estágio de pós-doutoramento em Educação pela UFF. E-mail: lupamonte@gmail.com

³⁷ Professora Associada III da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Coordenadora do Grupo Alteridade Psicanálise e Educação (GAPE) / UFF - CNPq. E-mail: mariliaetienne@id.uff.br